



Revista AMAZÔNICA, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 17, número 1, jan-jun, 2024, pág. 213-240

A violência doméstica e contexto escolar: a percepção de discentes do ensino fundamental e médio sob o viés da Fenomenologia.

Domestic violence and school context: the perception of elementary and high school students from the perspective of Phenomenology.

Violence conjugale et contexte scolaire : la perception des élèves du primaire et du secondaire du point de vue de la phénoménologie.

Atália Maria Schaecken Silva¹
Ewerton Helder Bentes de Castro²
Janderson Costa Meira³
Gabriela Monteiro da Silva⁴
Nataly Barbosa de Souza⁵
Gabriella Masulo Gomes⁶

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretora de Extensão da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: ataliamssilva@gmail.com

² Pós-Doutor e Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@ufam.edu.br

³ Pós-graduando em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial Instituto Vision/Am. Gestor de Recursos Humanos pela UNIP – Manaus. Graduando em Psicologia pela Escola Superior Batista do Amazonas - ESBAM. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: jandersonmeiraa@gmail.com

⁴ Pós-graduanda em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial. Bacharela em Psicologia formada pela UniNorte - Ser Educacional. Diretora de Comunicação da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial da UFAM (Labfen). E-mail: gabrielamonteiro.psicologia@gmail.com.

⁵ Psicóloga formada pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Vice-Diretora da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial. E-mail: nataly.barbosa.souza@gmail.com

⁶ Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Diretora de Pesquisa da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LABFEN. E-mail: masulogabriella@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0290-798X>



RESUMO

A violência, considerada um fenômeno crescente que incide de forma direta e indireta nos distintos domínios da convivência social, tem sido um tema constante no cenário dos debates acerca dos fenômenos sociais. Sabe-se que situações dessa natureza provoca uma série de modificações nos contextos em que a pessoa que sofre violência transita. O objetivo deste estudo é compreender a concepção de discentes do Ensino Fundamental e Médio acerca da concepção da violência doméstica na vivência escolar sob o viés da Fenomenologia de Martin Heidegger. A pesquisa é sob o viés qualitativo, descritivo e exploratório. Foi utilizado o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia e a análise das entrevistas a partir da teoria de Martin Heidegger. O instrumento foi a entrevista fenomenológica que partiu de questão norteadora e apresentou desdobramentos. Foram participantes 8 alunos. Encontraram-se 5 categorias: a) **Violência doméstica**: o olhar sobre o fenômeno; b) **A vida é um profundo vale, há vida, mas a partir de profundos rasgos n'alma**; c) **Falar sobre violência doméstica**: sentidos e significados; d) **Mudança de realidade**: a responsabilidade de todos nós!; e) **Plantão psicológico**: nicho de possibilidades de acolhimento, escuta e cuidado! Conclui-se que os adolescentes têm uma concepção bem ampla acerca do fenômeno violência doméstica, suas causas, as dores e sofrimentos aí presentes, expressando sentidos e significados e a possibilidade de mudança que alguns não acreditam seja possível e apontam ainda a importância do Plantão Psicológico em Escolas Públicas como uma instância de escuta, acolhimento e cuidado.

Palavras-chave: Violência doméstica, ambiente escolar, adolescentes, plantão psicológico, fenomenologia.

ABSTRACT

Violence, considered a growing phenomenon that affects directly and indirectly in the different domains of social coexistence, has been a constant theme in the scenario of debates about social phenomena. It is known that situations of this nature cause a series of changes in the contexts in which that the person who suffers violence transits. The objective of this study is to understand the conception of students of Elementary and Secondary Education about the conception of domestic



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

violence in the school experience under the bias of Martin Heidegger's Phenomenology. The research is under the qualitative, descriptive and exploratory bias. The phenomenological method of research in Psychology and the analysis of interviews based on Martin Heidegger's theory were used. The instrument was the phenomenological interview that started with a guiding question and presented consequences. 8 students participated. Five categories were found: a) Domestic violence: the look on the phenomenon; b) Life is a deep valley, there is life, but from deep tears in the soul; c) Talking about domestic violence: senses and meanings; d) Change of reality: everyone's responsibility!; e) Psychological duty: niche of possibilities for reception, listening and care! It is concluded that adolescents have a very broad conception about the domestic violence phenomenon, its causes, the pain and suffering present there, expressing senses and meanings and the possibility of change that some do not believe is possible and also point out the importance of the Psychological Duty in Public Schools as an instance of listening, acceptance and care.

Keywords: Domestic violence, school environment, adolescents, psychological duty, phenomenology.

RÉSUMÉ

La violence, considérée comme un phénomène croissant qui affecte directement et indirectement les différents domaines de la coexistence sociale, a été un thème constant dans le débat sur les phénomènes sociaux. On sait que des situations de cette nature provoquent une série de changements dans les contextes dans lesquels la personne qui subit des violences. L'objectif de cette étude est de comprendre la conception des élèves du primaire et du secondaire concernant la conception de la violence domestique dans l'expérience scolaire du point de vue de la phénoménologie de Martin Heidegger. La recherche est qualitative, descriptive et exploratoire. La méthode de recherche phénoménologique en psychologie et l'analyse d'entretiens basées sur la théorie de Martin Heidegger ont été utilisées. L'instrument était l'entretien phénoménologique qui partait d'une question directrice et présentait les développements. 8 étudiants ont participé. 5 catégories ont été identifiées : a) Violences domestiques : un regard sur le phénomène ; b) La vie est une vallée profonde, il y a la vie, mais à partir de larmes profondes dans l'âme ; c) Parler de la violence domestique : significations



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

et significations ; d) Changer la réalité : la responsabilité de nous tous ! ; e) Devoir psychologique : niche de possibilités d'accueil, d'écoute et de soin ! On conclut que les adolescents ont une conception très large du phénomène de la violence domestique, de ses causes, de la douleur et de la souffrance qui y sont présentes, exprimant des sens et des significations et la possibilité d'un changement que certains ne croient pas possible et soulignent également l'importance de Le devoir psychologique dans les écoles publiques comme exemple d'écoute, d'acceptation et de soin.

Mots-clés : Violences conjugales, milieu scolaire, adolescents, devoir psychologique, phénoménologie.

Constante no cenário de debates acerca dos fenômenos sociais, a Violência Doméstica é uma antiga problemática que incide direta ou indiretamente nos distintos domínios da convivência social e nas práticas políticas e relacionais da sociedade. Caracterizada para além da agressão física, estende-se às esferas verbal, sexual, psicológica e patrimonial, com diversas possibilidades de impacto e afetamento nos sujeitos que as sofrem, e também nos que as praticam.

Presente desde a antiguidade, esse gênero de violência tem se multiplicado na sociedade contemporânea, o que é um chamado para condutas investigativas, compreensivas e interventivas. Conforme Martins (2010), sangue, desejo, poder e sexualidade configuram o terror apresentado nos eventos da violência doméstica. Destacando o uso da força como prática dessa violência, comumente ocorre contra crianças e contra adolescentes, não excluindo as mulheres e homens.

Percebe-se que a violência doméstica é considerada um dos pontos que merecem atenção urgente, reflexão e articulação social e política (Benebo, Schumann & Vaezghasemi, 2018; Ho & Cheung, 2010). Depreende-se que, apesar das iniciativas governamentais no país de combate à violência doméstica através de políticas públicas, legislações e/ou tipificações penais específicas, assinaturas de acordos,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

seu funcionamento é muitas vezes lento, inadequado, insuficiente ou precário, incapaz de coibir o acontecimento do ato, bem como assistir os prejuízos individuais e sociais advindos dele (Silva & Resende, 2019).

Um dos espaços onde as consequências da violência doméstica podem expressar-se é o ambiente escolar: onde crianças e adolescentes passam a maior parte de seu dia-a-dia quando não estão em ambiente doméstico. É um dos espaços onde expressam sua forma muito própria de ser-no-mundo e, conseqüentemente, de ser-com-o-outro. Torna-se, a nosso ver, premente compreender a percepção de alunos do ensino fundamental maior e do ensino médio sobre violência doméstica e seus desdobramentos na formação desses adolescentes. Neste momento, problematizamos a proposta de projeto em epígrafe: qual a concepção dos alunos do Ensino Fundamental e Médio em uma escola pública em Manaus sobre a violência doméstica e suas consequências? Para responder a isso, utilizamos o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia e a análise sob o olhar da Fenomenologia de Martin Heidegger.

Almeida, Miranda & Lourenço (2013), consideram como um dos pontos críticos para enfrentar essa realidade o descompromisso da universidade, especialmente nos cursos de saúde, educação, direito e ciências sociais quanto à compreensão e eliminação do fenômeno da violência doméstica. Neste instante, busco amparo em Martin Heidegger (2013, 2003) que em sua teoria chama a atenção de que somos ser-no-mundo, lançados às intempéries e surpresas da vida. Qual a relação entre estes aspectos aqui colocados? A meu ver, a formação nas diversas áreas do saber precisa adentrar por um viés mais compreensivo do outro e, nesse sentido, sobre a violência doméstica e a premente necessidade de redimensionarmos o olhar sobre este fenômeno.

Por isso, esse estudo é relevante em reconhecer e atuar na necessidade de acolher e compreender - para então intervir e combater



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

em âmbito escolar - o fenômeno da violência doméstica, uma vez que está no ato implícito ou explícito de degradação da condição humana, e fere o Artigo 5º da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Básicos e inalienáveis, se estendem à toda a humanidade, e, portanto, à menor e mais primária representação dela - a família.

Sendo a escola o ambiente mais frequentado por crianças e adolescentes depois do espaço doméstico, confere-se como um excelente campo de reconhecimento e acolhimento de percepções, demandas e enfrentamentos de violência doméstica, sejam as próprias crianças e adolescentes vítimas, espectadoras ou praticantes desse fenômeno, mas certamente envolvidas por ele. No meio escolar, há ainda a oportunidade de construir intervenções coletivas agregando o corpo docente e as famílias dos estudantes em complementaridade ao processo educacional que contribui para a formação humana, cidadã, política e acadêmica desses sujeitos.

Nesse contexto, insere-se o Plantão Psicológico nas escolas do sistema público de ensino em Manaus, desenvolvendo atividade de acolhimento, escuta e cuidado ao adolescente (Castro, 2023; Meira & Castro, 2023; Silva, Silva, Meira & Castro, 2023).

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Compreender a concepção de discentes do Ensino Fundamental Maior e Ensino Médio sobre a violência doméstica sob o olhar da fenomenologia de Martin Heidegger

Objetivos Específicos:

- a) Conhecer os tipos de violência doméstica identificados por discentes do ensino fundamental e médio;
- b) Compreender sentidos e significados da violência doméstica dos alunos;



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- c) Investigar a importância do Plantão Psicológico em escolas da rede pública no sentido de constituir-se como instância de acompanhamento a alunos das escolas.

METODOLOGIA

Foi utilizada a abordagem qualitativa em pesquisa, haja vista que se pretendeu obter os significados da percepção que adquire um significado, para quem a experiência, relacionado à sua própria maneira de existir (Minayo, 2015; Pereira & Castro, 2019; Castro, 2023).

Participantes: Foram entrevistados 8 alunos, sendo 4 do Ensino Médio (1º ano) e 4 do Ensino Fundamental (7º ano) selecionados a partir de: a) exposição do projeto em salas de aula aos prováveis participantes; b) aquiescência em participar voluntariamente da pesquisa; c) Assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes e seus pais e/ou responsáveis.

Local da pesquisa: escola do sistema público estadual de ensino localizada na Zona Norte de Manaus.

Procedimento: Autorização da instituição escolar, apresentação do projeto nas salas de aula e solicitação de aquiescência pelos alunos para a participação voluntária nas entrevistas com a assinatura do TCLE.

Conforme citado anteriormente, foi utilizado o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia a partir de três passos: a) descrição dos outros sujeitos; b) redução fenomenológica-psicológica; c) análise eidética-psicológica (Giorgi & Sousa, 2010; Forghieri (2011).

Análise dos dados: Utilizou-se as orientações de Giorgi & Souza (2010) e Pereira & Castro (2019) propostas em vários momentos: a) Leitura de cada sessão áudio-gravada do princípio ao fim no objetivo de compreender a linguagem do participante e conseqüente visão do todo, ou seja, neste momento não se buscará ainda qualquer interpretação do que está exposto e sem tentativa de identificação de quaisquer atributos



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ou elementos ali contidos; b) Releitura atenta de cada entrevista, quantas vezes foram necessárias, com a finalidade de discriminação de unidades de significados dentro da perspectiva do pesquisador, ou seja, são destacados do discurso excertos mais representativos e coadunados com o objetivo da pesquisa; c) Diante das afirmações significativas, houve uma postura reflexiva e imaginativa, para expressar o que se intuiu dentro delas mesmas, deste modo buscando-se expressar o insight psicológico nelas contido, mais diretamente; d) Foram sintetizadas todas as unidades de significado e transformadas em uma proposição consistente referentes à experiência do sujeito, elaborou-se as Categorias Temáticas.

Análise das entrevistas propriamente dita: Referencial teórico de Martin Heidegger, especificamente nas obras Ser e Tempo e Mundo, Finitude e Solidão. O projeto foi aprovado pelo CEP/Ufam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme preconizado no projeto, a partir da convergência ou divergência das Unidades de Significado foram criadas as Categorias Temáticas, apresentadas em seguida:

1. Violência doméstica: o olhar sobre o fenômeno

Através das falas desses estudantes, compreende-se como esses olhares esquecidos pela sociedade, pelos pais, enxergam a violência como fenômeno. Ao abordar sobre a violência doméstica, percebe-se a imensurável dor e sofrimento conseguintes a diversas maneiras de agressão e abuso, pois do lugar onde menos se espera ser atacado, daquele ambiente que deveria se chamar “lar” é que vem profundos rasgos n’alma. Assim, na maioria das vezes, o olhar lançado sobre o que o outro vivencia se torna algo mobilizador.

Pra mim, acho que violência doméstica é quando alguém dentro de casa ta sendo violentado ou, tanto violência doméstica, tipo,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

tanto violência psicológica como física, é isso (Beija-flor, 12 anos, entrevista em junho de 2023).

Eh, eu entendo por ser, eh, um ataque, um ataque tipo, pode ser, verbal, ou nas pessoas que tipo, trabalham, eh, meio que trabalham em casa né? Alguma coisa assim (Bem-te-vi, 12 anos, entrevista em junho de 2023).

Eu acho que esse tipo de violência, eh, pra mim, eu acho que é uma das piores porque, às vezes com um parceiro íntimo ou marido que acontece. Na maioria das vezes é mulher que sofre né, porque, que nem um caso que eu assisti de uma atriz que apanhou do próprio marido, que ela sofreu violência doméstica. E geralmente, as pessoas que passam assim, elas passam por um trauma, que acontece e tal, porque, ela, ela, ela tá em casa, ela chega e apanha, mesmo não tendo feito nada. Então, eu acho que essa violência é um tipo, meio que um tipo de doença né, porque a pessoa que faz isso, pelo que dá pra ver, ela tá fora de si (Sabiá, 13 anos, entrevista em junho de 2023).

Violência doméstica, bom, não é algo bom, com certeza não é algo bom, prejudica a pessoa que sofre também tanto psicologicamente tanto fisicamente e é uma coisa bem ruim (Rouxinol, 15 anos, entrevista em junho de 2023).

Ah, violência doméstica é aquela dentro de casa né? Ah, violência doméstica eu entendo como um certo tipo de abuso praticamente. Eh, uma coisa que não deveria tá acontecendo mas acontece infelizmente. Eu já meio que fui testemunha de problemas como esse, então é uma coisa horrível, péssima, e também fazer a ocorrência igual a minha mãe já fez. Já tive que conviver com violência doméstica, não só fui testemunha, tive que conviver também. Eh, coisa simplesmente horrível, tem nem realmente palavras pra falar isso, não sou muito de falar, mas não tem



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

palavras certas pra mim falar o que eu acho disso (Fênix, 15 anos, entrevista em junho de 2023).

Enquanto o olhar das pessoas estiver na imaginação de que o do outro tem mais e melhor, que está bem na sua frente, é mais verde sua grama, muitos atravessamentos de violência continuarão a ser considerados como “surpresas” quando descobertos. Por isso a importância de olhar para esse outro, não no viés da imaginação, que é aquilo que não se sabe, mas através dos seus próprios olhos, pois somente os olhos desse outro é que poderão expressar a sua realidade.

Desse modo, escutar, acolher e falar sobre a violência doméstica foi o método que possibilitou a compreensão acerca do fenômeno. Alguns estudos publicados recentemente trazem questões relativas ao fenômeno em epígrafe, tais como Silva, Silva, Meira & Castro (2023); Silva & Castro (2023); Silva & Resende (2019); Silveira, Nardi & Spindler (2014) que compreendem a pluridimensionalidade do fenômeno violência doméstica e seus desdobramentos.

Fenômeno. Violência doméstica enquanto fenômeno. Esse olhar nos leva à Fenomenologia de Martin Heidegger que pressupõe cada um de nós como ser-no-mundo em relação com o outro. Ora, a violência doméstica surge (fenômeno) na compreensão dos adolescentes como algo sob vários aspectos, que provoca dor e sofrimento. Eis o fenômeno a que Martin Heidegger (2013) se reporta, o que surge à consciência de cada um de nós e o conseqüente sentido atribuído à situação.

2. A vida é um profundo vale, há vida, mas a partir de profundos rasgos n'alma

A guerra é a demonstração de pura violência. Entretanto, a guerra abordada nessa pesquisa não é uma batalha externa contra os seus



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

inimigos e adversários, ela é tanto externa quanto interna, e os seus agressores deveriam ser aqueles que são seus aliados, o seu esteio, porém isso não foi a realidade encontrada.

Eu acho que fica um pouco de traumas né, a pessoa quando ela sofre violência doméstica ela pode levar traumas pra vida dela e isso pode afetar tanto no psicológico no futuro entendeu? Pra ela conviver com alguém dentro de casa ou pra ela morar com alguém mesmo ela se sentindo, ela vai se sentir, como é que se diz, ela vai se sentir meio preocupada, porque alguma hora pode acontecer de novo, entendeu? A gente fica com aquele negócio na cabeça: “Será?”, entendeu? Então acho que é meio, a gente tem que duvidar de todo mundo, entendeu? Nunca acreditar nas pessoas, porque como já aconteceu, pode acontecer de novo, entendeu? (Beija-flor, 12 anos, entrevista em junho de 2023).

Ela pode, dependendo, a pessoa pode, pode ter deixado traumas na pessoa né, dessas violências, e a pessoa pode acabar em afetando o psicológico dela e deixando ela muito ruim (Bem-te-vi, 12 anos, entrevista em junho de 2023).

Olha, tipo, como eu tava dizendo, eu também tava assistindo um caso sobre isso e essa, essa atriz, ela, é tipo, ela vivia com medo de tudo, entendeu? Tipo, ela foi, ela, tipo o cara bateu nela, ela dentro da, como é que se fala, da setting que ela tava fazendo a gravação, entendeu? E ela começou a chorar, entendeu? Então, como pode se dizer, ela ficou com receio, tipo com medo, qualquer, tipo, qualquer coisinha ela vai ter medo, qualquer pessoa ela vai ter pé atrás, porque o que que aconteceu no passado ela tem medo que aconteça no presente, e eu acho que é isso. Então, afeta como a vida da pessoa? O psicológico, primeira coisa que se afeta é o psicológico, ela vai se isolando, se isolando, até que chega um ponto de depressão e às vezes pode



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

chegar até a se matar (Sabiá, 13 anos, entrevista em junho de 2023).

Olha, eu acho que prejudica a mentalidade; mentalidade da pessoa não vai ser a mesma né, ela vai passar a ter medo de querer conviver em um meio, acho que de sociedade; ela vai, por ela ter sofrido, ela acha que a pessoa pode também fazer o mesmo e pode atrapalhar muito no desenvolvimento dela social e possivelmente quando ela for trabalhar ter esse medo também (Rouxinol, 15 anos, entrevista em junho de 2023).

Bom, depende da idade da vítima, por exemplo, tipo, eu sei que vai afetar o psicológico dela, porque isso realmente afeta o psicológico, afeta o físico, dependendo da violência também a pessoa pode perder o movimento de algumas partes dela porque já tive que ver isso. Se for por exemplo uma criança, ela vai simplesmente parar de ser criança, ela vai digamos que amadurecer mais rápido, então, tipo, ela não vai ter infância. Quando, se for uma adolescente, ela vai afetar o psicológico dela, e tipo, ela simplesmente também não vai ter, viver a adolescência dela, ela vai descontar nos estudos, e como assim descontar nos estudos? Ela não vai focar direito, eh, vai meio que desligar um fio do cérebro dela e ela não vai conseguir se desenvolver; o psicológico dela vai ficar totalmente abalado; o foco dela vai se tornar só, dependendo de quanto que essa pessoa já sofreu por violência, ela vai só desejar, infelizmente vai desejar a morte dela, ou, que só vai desejar que aquilo acabe. Se for um adulto, só vai querer ter coragem de denunciar, vai afetar o psicológico também, porque de qualquer forma vai afetar o psicológico de alguém, e vai procurar ajuda, mas, às vezes, por ameaças, não procuram ajuda, então isso só afeta mais ainda em questão de trabalho, em questão de sair pra alguma coisa, tipo festa, por exemplo, “ah, eu



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

“não vou sair pra festa porque eu to toda marcada”, então tipo vai ser uma coisa feia e também ele vai descobrir, ou ela, aí vai acabar pro meu lado porque eu vou ter que contar ou vão descobrir (Fênix, 15 anos, entrevista em junho de 2023).

Muitas famílias vivem em guerra no Brasil, especialmente na Amazônia. Contudo, sabe-se que toda guerra um dia chega ao fim, mas o que ninguém sabe como lidar é com o preço que se foi pago para que ela um dia acabasse. Como em toda guerra, existem vítimas, e elas muitas vezes não voltam. Mas, as que ascendem novamente para a vida são chamadas sobreviventes.

Ser um sobrevivente é descobrir todos os dias como viver a vida a partir desses profundos rasgos n’alma “pós-guerra”, e isso é justamente o que se encontrou nas falas dos entrevistados. No entanto, compreendeu-se que, agora, nessa realidade “pós-guerra”, surge uma nova guerra para todos os sobreviventes dessa violência doméstica enfrentarem diariamente: o próprio “pós-guerra”, ou melhor dizendo, as consequências desses conflitos, as feridas, o preço da sobrevivência.

As sequelas são únicas em cada um, mas algo se encontra em todos: o medo. Após tantas violências verbais, físicas e psicológicas, como não ter medo? Se quem escuta uma história de violência doméstica sente medo, quanto mais os seus sobreviventes, os quais trazem em si atravessamentos que, se não forem acolhidos, escutados e cuidados, prejudicam todas as áreas da sua existência, podendo comprometer a própria existência em si desse outro.

Lidar com a violência doméstica é conviver com o sobressalto, o medo, o temor de pertencer a um nicho familiar que se constitui através, na e pela violência. A sobrevivência a esse tipo de configuração familiar nos leva a trazer a perspectiva heideggeriana no que tange às facticidades que ocorrem em nossas vidas cotidianamente. Neste caso, em específico, ao irrompimento das ações violentas. Para este autor, a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

facticidade surge e nos lança em verdadeiro redemoinho emocional, gerando o temor (Heidegger, 2013).

Corroborando com este pensamento, estudos viabilizados junto ao plantão psicológico na cidade de Manaus, trazem que, a partir dessa vivência do ato violento, as relações extra lar se tornam comprometidas (Mena, Silva & Castro, 2023; Alencar, Meira & Castro, 2023; Benício, Gomes & Castro, 2023; Macedo & Castro, 2023). Afinal, como diz Castro & Meira (2023, p. 425) “o mundo me fere, eu a ele me refiro”.

3. Falar sobre violência doméstica: sentidos e significados

A vivência da violência doméstica implementa uma série de olhares acerca do fenômeno experienciado. Nesta categoria, as falas reportam-se a “esses olhares” consubstanciando-se em sentidos e significados.

Eu acho muito importante abordar o assunto porque muita gente, eh, fica meio com aquela percepção de não falar porque tem medo né, da pessoa vir atrás ou, ou a pessoa vir atrás ou acontecer alguma coisa, entendeu? Da pessoa, eh, como é que fala? (Beija-flor, 12 anos, entrevista em junho de 2023).

Olha, eu me senti, como eu posso dizer, não sei. É como se fosse uma mensagem, sabe? Pra não fazerem violência doméstica com as pessoas, porque isso é errado e pode causar sintomas muito piores numa pessoa assim. Graças a Deus a minha mãe não teve um psicológico afetado e nem nada, e agora ela tá bem (Bem-te-vi, 12 anos, entrevista em junho de 2023).

Olha, eu me senti até meio que aliviada né, porque tipo, eh, tem gente que não gosta muito de falar sobre o assunto, mas acho até bom, porque a gente fala sobre o que a gente pensa, o que que a gente acha sobre o assunto abordado, eu acho que é isso. Eu me senti bem até, bem aliviada. É porque tem muitas pessoas que



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

têm medo, ou as pessoas que já sofreram têm medo de sofrer de novo. Então eu acho que é isso, aliviada (Sabiá, 13 anos, entrevista em junho de 2023).

Eu me senti de certo modo triste e um pouco falho de não poder ajudar a pessoa, porque no tempo que eu descobri eu era apenas uma criança, mas eu fiquei triste, eu me pus no lugar da pessoa lá. Eu perguntei “cara se fosse comigo provavelmente também eu não, acho que não me abriria para muitas pessoas”. Eu fiquei triste por ele, com o tempo a gente foi se desenvolvendo, a gente foi se conhecendo aí ele me falou mais sobre o caso que aconteceu. É agonizante né, você querer pedir ajuda mas você tem um medo das pessoas não, não ligarem, porque elas podem falar “ah motivo besta, deveria apanhar mesmo”. É esse o medo (Rouxinol, 15 anos, entrevista em junho de 2023).

Eh, eh, lembrando um pouco o passado, entre aspas, dá um tipo de agonia falar, digamos assim, porque dá aquele sufoco quando tu lembra das cenas. Lembra, eh, lembro das agressões, das palavras, das frases utilizadas e tudo. Bom, eu posso dizer tipo, ao mesmo tempo que eu posso dizer que não é pra confiar em todos, que tu nunca vai conhecer 100% uma pessoa, porque ele sempre falava pra filha mais velha que não ia bater na mãe, que não ia fazer nada com ela, mas a partir do momento que ele descobriu, descobriu a separação, começaram, ele começou a quebrar a promessa. Então, tipo, eu posso dizer que não confie 100% em alguém onde você não sabe nem 50% dela. E também o que eu posso dizer é “nunca fique calado”, porque é a pior coisa que pode acontecer é ficar calado, porque enquanto ela apanhava calada, os pais dela nem sonhavam que isso acontecia com ela. Então é isso (Fênix, 15 anos, entrevista em junho de 2023).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O estudo de Meira, Luzzi, Dantas, Cunha & Castro (2023) reporta sobre a utilização do desenho à mão livre de uma adolescente em que são expressos tipos de violência pela qual tem passado e aí, na atividade, observa-se a dimensão dos sentidos atribuídos a uma dessas violências, a doméstica.

Castro, Meira, Lima, Mena, Souza & Rodrigues (2023) em estudo sobre a percepção de alunos do ensino fundamental sobre violência doméstica concluem que os adolescentes reconhecem os vários tipos de violência, o quanto estas se fazem presentes em sua configuração familiar e a pluridimensionalidade das consequências que incidem sobre a vida escolar, uma vez que, a marca da violência percorre o cotidiano desses adolescentes e os acompanha indefinidamente.

Estudos internacionais corroboram com a perspectiva encontrada neste estudo no que tange a sentidos e significados da violência doméstica (Clark et al. (2019); Hardaway, MCloyd & Wood (2012); Hart, Hodgkinson, Belcher, Hyman & Cooley-Strickland (2012);

Ser-no-mundo para Heidegger (2013) é um contínuo processo de vir-a-ser, de devir. Contudo, esse projeto que sou como ser humano é atravessado por situações que nos impelem a vivências de extrema dor e sofrimento, como o caso da violência doméstica. E os alunos, cujos excertos de discursos estão presentes nesta categoria, reverberam essas experiências pelas quais tem passado, pautando em suas falas os sentidos atribuídos a essas situações.

Necessário comentar que, foram a partir de suas lembranças, de suas reminiscências, que trouxeram esses significados. Nesse momento, fica explícito o que Heidegger (2013; 2003) chama de temporalidade ou temporalizar, a vivência do tempo, referindo-nos à atualização de situações vividas anteriormente e, no momento da entrevista, expressos em toda sua dimensão de afetividade.



4. Mudança de realidade: a responsabilidade de todos nós!

Os adolescentes colaboradores deste estudo não trouxeram apenas a vivência, mas a perspectiva de como compreendem a possibilidade de mudança dessa dura realidade.

*Eu acho que tendo mais, eh, deixa eu ver, as pessoas parando de pensar em fazer tanta violência e acho que tendo mais compaixão e amor entre tipo, por exemplo, o casal, porque ninguém quer ser violentado né, então eu acho que isso, eh, envolve muito, eh, o psicológico da pessoa; do que a pessoa que faz a violência passa na cabeça dela, entendeu? Acho que isso pode ser mudado **(Beija-flor, 12 anos, entrevista em junho de 2023)**.*

*Eu acredito assim, que uma ideia pode ser criar uma lei, não sei se já tem, mas pode criar uma lei contra violência doméstica, e também a gente poderia, eu sei que as pessoas não pensam igual, mas a gente tentaria evitar né, de um jeito ou de outro, mas isso só, é, eu acho que é isso, não sei explicar direito **(Bem-te-vi, 12 anos, entrevista em junho de 2023)**.*

*Olha, eu vou falar, não queria ser pessimista não, mas eu acho que sinceramente não. Não adianta quantas leis o governo crie pra que não aconteça, vai acontecer do mesmo jeito **(Sabiá, 13 anos, entrevista em junho de 2023)**.*

*Ajudar? Acho que em conversas né, tipo se a gente percebe que alguém está passando por violência doméstica chegar a conversar ou perguntar se ela está bem, até mesmo criar uma intimidade com a pessoa, caso for mesmo violência doméstica, você já tem uma ideia do que conversar com ela **(Rouxinol, 15 anos, entrevista em junho de 2023)**.*

É ficar atentos aos sinais, que se eu não me engano o sinal de quando a mulher tá passando por algum problema dentro de casa é um quatro e depois ela abaixa, que é o polegar no meio da mão,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

da palma, o polegar no meio da palma, e depois abaixa, fazendo uma forma de quatro e depois abaixa. Ficar atento aos sinais, ficar, não tipo “aí ficar vigiando”, não, é ver os pequenos detalhes, por exemplo, a pessoa quase não sai de casa e quando sai só é com a pessoa acompanhada. Então, tu vai ver essa pessoa estranha; tu vai ver essa pessoa tentando rir ao máximo, mas ao mesmo tempo com expressão de dor e cansaço; vai ver sinais de abuso, mas você, às vezes vai perceber e às vezes não. Então, o que eu quero dizer é “ficar atentos aos sinais, mesmo que sejam mínimos. Eh, não é bem uma situação que tipo “ah, é obrigatório eu ver”, mas tipo, se ponha no lugar da pessoa que sofre. Por isso todos os dias, às vezes até anos, se fosse alguém que você fosse próximo passando por isso você ia ajudar, se fosse você, você iria querer ajuda. Então, vai que a única coisa que ela precisa é só de uma pessoa que tá ajudando ela, isso é o suficiente pra ajudar alguém. Então, a pessoa só precisa de alguém ajudando ela, nem é tanto questão de tá com ela a todo momento, mas sim saber, só saber que alguém tá ali por ela, porque nesse momento quando a pessoa tá passando por isso ela só consegue pensar que ela tá sozinha e que o sentido da vida já morreu pra ela (Fênix, 15 anos, entrevista em junho de 2023).

Guimarães & Pedrosa (2015), Odorcik, Ferraz, Bastos & Rosseto (2021), Souza & Farias (2022), corroboram com o que foi encontrado nas falas de nossos participantes no que diz respeito a variada e complexa gama de possibilidades de mudança da realidade violenta que muitas famílias brasileiras experienciam progressiva e cotidianamente.

Os colaboradores através de suas falas são unânimes em afirmar que o olhar sobre o outro que pratica ou que sofre a violência doméstica precisa ser redimensionado seja a nível pessoal, coletivo ou governamental, pois como diz um dos adolescentes no que se refere a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

esta última instância “*Não adianta quantas leis o governo crie pra que não aconteça, vai acontecer do mesmo jeito*”. Uma fala preocupante, pois caracteriza o descrédito nas políticas elaboradas para esse fim. Poderia soar como a inautenticidade heideggeriana (2013; 2003), mas, a nosso ver, caracteriza o impessoal, ou seja, nada irá modificar, por mais que tentem.

Poderíamos retrucar esse adolescente acerca do que trouxe? Sim, poderíamos. Mas, por outro lado, poderíamos concordar que apesar de tantas políticas implementadas, continua a ser muito alto o índice de violências, sim violências, contra a mulher, a criança, o adolescente, o idoso, de gênero, em nosso país?

Para a Fenomenologia heideggeriana não é apenas descrever e explorar a temática, mas refletir sobre ela e daí conseguirmos colaborar com a mudança possível de uma sociedade que se quer, que se vê, que se tornou adoecida. E com isso, a reflexão: qual o papel da Psicologia neste contexto? Continuar a elaborar e fomentar discursos ou lançar-se junto a esse outro que sofre com o ato violento e suas consequências? Para este questionamento, creio que uma das respostas está caracterizada na próxima categoria.

5. Plantão psicológico: nicho de possibilidades de acolhimento, escuta e cuidado!

O Plantão Psicológico nas escolas da rede pública de Manaus possibilitou um espaço para que esses jovens pudessem falar sobre o fenômeno da violência doméstica, permitindo também a experiência do acolhimento, da escuta e do cuidado para com eles.

Eu acho que ajudando a pessoa a não fazer mais isso e mudando a consciência da pessoa pra ela não ter mais, eh, porque vai que acontece com ela um dia, não vai ser legal, entendeu? Porque a pessoa que faz a agressão, ela, eu acho que no momento que ela



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ta fazendo a agressão não passa pela cabeça dela que alguma hora também pode voltar pra ela, entendeu? Eu acho que isso é muito pra refletir mais sobre não fazer a violência (Beija-flor, 12 anos, entrevista em junho de 2023).

Assim, conversando, assim, eu me sinto bem, particularmente eu me sinto bem conversando, porque é uma maneira de me expressar e dizer como é que eu sinto, como eu me sinto e tals, e, mas caso o problema for muito grave e a pessoa que esteja conversando conceda, poderiam tentar falar com os pais, e se fosse bem grave mesmo, ou até mesmo falar pra justiça, porque isso é muito errado (Bem-te-vi, 12 anos, entrevista em junho de 2023).

Olha, melhora muito porque, como se pode dizer, que tipo, pessoas ou famílias que sofrem às vezes, tipo, até contando, às vezes, até ajuda a melhorar o ambiente que a pessoa vive, entendeu? Então, eu acho que além de eles estarem ajudando, eles estão colaborando para diminuir aquele, tipo, aquele ar de sofrimento, entendeu? Então, acho que é isso. Além de vocês ajudarem, tipo, as pessoas que tão sofrendo e tão sabendo como é, tipo, pra saber como, às vezes, as pessoas, as crianças ou adolescentes se comportam por ver o que tá acontecendo, aí quando a pessoa conta como é que é, aí a pessoa começa a entender claramente o que que acontece, entendeu? Então, eu acho que é isso, eh, ajuda, eh, aconselha e também melhora a pessoa a si mesma (Sabiá, 13 anos, entrevista em junho de 2023).

Como eu falei anteriormente, conversando né. É uma ótima ideia essa, foi lá e chamou o pessoal, acho que com certeza alguém das três salas das três turmas com certeza deve ter passado por isso ou conhece alguém que sabe e queira se expor também, mas



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

é uma grande ajuda para quem não consegue se abrir para outra pessoa, isso é muito bom (Rouxinol, 15 anos, entrevista em junho de 2023).

Bom, eu acho uma coisa ótima, porque muitas pessoas elas sofrem por questão psicológica e problemas, e é, muita das vezes, os pais não sabem. Então tipo, eles procuram a entender a si próprio por meio de uma consulta psicológica, por exemplo. Então tipo, pra não chegar com os pais, eles vão procurar a escola, e dependendo de qual grau a pessoa é, ela pode tomar coragem por meio das consultas pra falar para os pais, e lá os pais vão procurar realmente um profissional fora da escola. Agora, o resto que, alguns na verdade, que os pais sabem, tem problema em questão financeira, que não tem dinheiro pra ficar com outros psicólogos, no caso, fora da escola, tem que pagar consulta e tudo. Então, isso é bom, porque vai ajudando sem cobrar nada e sem prejudicar em nada, porque enquanto tá aqui na escola, aí tem a pressão de escola, tem a pressão de tarefa, entregar tarefa, entregar trabalho, e tu tem que fazer tudo certinho, tá aqui uma pessoa disposta a te escutar e te ajudar por meio de tanta dificuldade que tu tem (Fênix, 15 anos, entrevista em junho de 2023).

O interessante é que, mesmo as vivências sendo únicas, observa-se como elas conversam entre si a respeito do fenômeno. Isso só reforça mais ainda a importância do falar, do ser ouvido, especialmente nessa situação onde as batalhas são silenciosas muitas das vezes. Mas elas não deveriam ser.

Esse silêncio, que é onde o agressor se confia num trono de poder, é o espaço em que quem sofre ou já sofreu violência doméstica se coloca por não conseguir enxergar o horizonte de possibilidades que aguardam os sobreviventes desses atos de violência. Nas entrevistas,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

percebe-se que por muito tempo esse silêncio era uma tentativa de manter-se vivo, de sobreviver, mas quando os adolescentes abrem a boca, nota-se, na verdade, que aquele silêncio era ensurdecedor, era permeado por gritos clamando por socorro.

Assim, o silêncio em que esse outro é lançado nada mais representa do que Castro (2009) nos assevera em sua tese de doutoramento acerca de situações extremamente difíceis, “o silêncio grita”. É um grito que se consubstancia na grandiosidade da dor e do sofrimento existenciais presentes nessas experiências. Heidegger (2013) compreende este silenciamento como ocupação, movimento em que o ser-no-mundo (seres humanos) apenas se deixa levar pelo o que está aí, posto, por não lhe ser permitida a voz.

Nesse contexto, observamos as várias dimensões de uma situação cotidiana: o acrisolamento, a angústia, o sofrimento. Elementos estes expressos e trabalhados no Plantão Psicológico em Escolas conforme os estudos produzidos pelo Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que são unânimes em expressar o quanto a atividade tem sido fundamental para que alunos, professores e pais redimensionem o olhar sobre si mesmos e se compreendam como seres-possíveis, seres de possibilidade (Castro & Meira, 2023; Silva, Silva, Meira & Castro, 2023^a; Benício, Gomes & Castro, 2023; Silva & Castro, 2023; Mena, Silva & Castro, 2023; Macedo & Castro, 2023; Castro, Pereira & Rodrigues, 2023; Silva & Castro, 2023^a).

A Psicologia ao mergulhar na existencialidade do e com esse Outro, possibilita ao mesmo compreender o sentido do que Castro (2023) assevera: “da im-possibilidade me fiz possibilidade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

A violência doméstica é um fenômeno que concluiu-se estar imerso numa pluridimensionalidade de olhares, vivências, consequências. De fato, para os sobreviventes desses atos de violência há vida, mas a partir de profundos rasgos n'alma, os quais necessitam sair desse silêncio existencial que é real para muitos, a fim de que se enxergue o horizonte de possibilidades que os aguardam.

Então, com o método Fenomenológico-Existencial conseguiu-se trabalhar muito bem várias questões como o olhar dos estudantes acerca do fenômeno violência doméstica, atribuições de sentidos e significados referentes à realidade que se é encontrada no Amazonas, no Brasil. Além disso, a Fenomenologia de Martin Heidegger propiciou uma discussão acerca das possibilidades de mudança, mesmo que alguns acreditem que não possa acontecer, onde nós como sociedade devemos estar nos responsabilizando sobremaneira.

Vale salientar também que se vivenciou e se compreendeu a importância do Plantão Psicológico em escolas públicas, pois a partir dele é que houve a possibilidade de chegar até a esses adolescentes para acolher, escutar e cuidar, possibilitando espaço para o conhecimento tanto científico como biopsicossocial de apenas uma amostra de olhares e vivências acerca do fenômeno que ocorre com tantas famílias ao redor do Amazonas, do país e do mundo, e que foi de suma importância para esta pesquisa.

A pesquisa não se esgota neste momento. Espero que outros olhares possam estar sendo lançados sobre a temática por si mesma abrangente e importante. A Psicologia, enquanto área do saber, necessita lançar-se em direção a questões desta natureza, especificamente no estado do Amazonas, de forma que possamos auxiliar a recrudescer um quadro epidemiológico grotesco, ameaçador e desafiador como o da violência doméstica. Dessa forma, possamos sair



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

do discurso e enveredar pela ação propriamente dita. Há muito a contribuir e este estudo, a meu ver, é um ponto de partida.

REFERÊNCIAS

- Alencar, Emanuel Herbert Elias; Meira, Janderson Costa & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023) O resgate da existencialidade adolescente: o Plantão Psicológico e suas possibilidades. *AMazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol. 16, número 1, jan-jun, pág. 138-157
- Almeida, Adriana Aparecida; Miranda, Olivia Barbosa & Lourenço, Lélío Moura (2013). Violência doméstica/intrafamiliar contra crianças e adolescentes: uma revisão bibliométrica. *Gerais, Rev. Interinst. Psicol.*, v. 6, n. 2, p. 298-311, jul.
- Benebo, F.O.; Schumann, B. & Vaezghasemi, M. (2018) *Intimate partner violence against women in Nigeria: a multilevel study investigating the effect of women's status* <http://doi.org/10.1186/s12905-018-0628-7> .
- Benício, Branca Cecília; Gomes, Kétora Pereira Gonçalves & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). O espelho, a família, o voo de Pégaso: a existencialidade adolescente no Plantão Psicológico *AMazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág. 261-282
- Brasil. Lei Nº 8069, de 13 de julho de 1990. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L8069.htm >.
- Castro, Ewerton Helder Bentes de; Silva, Jaqueline Pereira da & Rodrigues, Débora Moutinho (2023) Fênix alça vôo: a pluridimensionalidade da vivência de ser-si-mesma! *AMazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação* Vol. 16, número 2, jul-dez, pág.794-827
- Castro, Ewerton Helder Bentes de; Meira, Janderson Costa; Lima, Ruy; Mena, Vanessa Benites; Souza, Larissa Sena de (2023). A violência doméstica e contexto escolar: a percepção de discentes amazônidas do ensino fundamental sob o viés da Fenomenologia. *AMazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol. 16, número 2, jul-dez, 2023, pág. 271- 308
- Castro, Ewerton Helder Bentes de & Meira, Janderson Costa (2023) Nos en-contros, des-encontros e re-encontros com o adolescer: ser-plantonista e a pluridimensionalidade do ek-sistir *AMazônica -*



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação Vol. 16, número 1, jan-jun, pág. 415-457

- Clark, C.J. *et al.* (2019) Mixed methods assessment of women's risk of intimate partner violence in Nepal. *BMC Womens Health*; 19(1): 20, 2019 01 28. <http://doi.org/10.1186/s12905-019-0715-4>.
- Giorgi, Amedeo & Sousa, Daniel (2010) *Método fenomenológico de investigação em Psicologia*. Fim do Século.
- Guimarães. Maisa Campos & Pedroza, Regina Lúcia Sucupira (2015) Violência doméstica contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. *Psicol. Soc.* 27 (2), Ago, 2015. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p256>
- Hardaway, C., MCloyd, V., & Wood, D. (2012). Exposure to violence and socioemotional adjustment in low-income youth: An examination of protective factors. *American Journal Community Psychology*, 49, 112-126. doi:10.1007/ s10464-011-9440-3.
- Hart, S., Hodgkinson, S., Belcher, H., Hyman, C., & Cooley-Strickland, M. (2012). Somatic symptoms, peer and school stress, and family and community violence exposure among urban elementary school children. *Journal Behavioral Medicine*, 15, 1-8.
- Heidegger, Martin (2013). *Ser e Tempo*. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. Ed. Vozes: Editora Universitária São Francisco.
- Heidegger, Martin (2003). *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*. Tradução Marco Antonio Casanova. Forense Universitária.
- Ho, M. Y., & Cheung, F. M. (2010). The differential effects of forms and settings of exposure to violence on adolescents' adjustment. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(7), 1309-1337. doi:10.1177/0886260509340548.
- Macêdo, Elcilene Lima de & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023) Adolescência e prática do cutting: relato de experiência no Plantão Psicológico. *AMazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol. 16, número 1, jan-jun, pág. 177-197
- Meira, Janderson Costa & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). O abuso sexual na infância e adolescência, a corporeidade silenciada: relato de experiência no plantão psicológico. *AMazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação*. Vol. 16, número 1, jan-jun, pág. 91-111
- Meira, Janderson Costa & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023^a). O adolescer, a escuta, a fala e o ser-possível de alunos no plantão



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

psicológico. *AMazônica* - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação. Vol. 16, número 1, jan-jun, pág. 51-70

Mena, Vanessa Benites; Silva, San Zureik Calacina da & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023) Plantão psicológico em instituição escolar de Manaus, a pluridimensionalidade adolescente: relato de experiência. *AMazônica* - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág. 112-137

Minayo, Maria Cecília de Souza (2015) *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Vozes

Odorcik, Bruna; Ferraz, Brígida da Penha; Bastos, Karina Castilhos & Rosseto, Maíra (2021) Violência doméstica à mulher: percepção e abordagem profissional na atenção básica na pandemia de Covid-básica na pandemia de Covid-19 *Rev. Enferm. UFSM*, Santa Maria, v11, p. 1-19, DOI: 10.5902/2179769265865

Pereira, Denis Guimarães & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2019) Psicologia fenomenológica: o método de pesquisa. In: Castro, Ewerton Helder Bentes de (Org.) *Práticas de pesquisa em psicologia fenomenológica* - Appris, p.15-32.

Silva, Amliz Andrade da & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). Na trilha do existir, a escuta que acalenta a alma: plantão psicológico possibilidades e perspectivas *AMazônica* - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação Vol. 16, número 1, jan-jun, pág. 283-302

Silva, San Zureik Calacina da & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). Corpo que é meu, mas não sou eu: o não-reconhecimento do ser-si-mesmo. *AMazônica* - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação. Vol. 16, número 1, jan-jun, pág. 33-49

Silva, Atália Maria Schaecken; Silva, Caio Rafael Costa da & Castro, Ewerton Helder Bentes de (2023). Plantão psicológico e sua pluridimensionalidade: uma imersão na existencialidade adolescente através da escuta. *AMazônica* - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação. Vol. 16, número 1, jan-jun, pág. 71-90

Silva, Graziela Eliana Costa & Resende, Gabriela de Andrade (2019). Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes: Uma Revisão de Literatura Pós-estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). In: *Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 16*. Anais Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, p. 3-3.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Silveira, R. S.; Nardi, H. C.; Spindler, G. (2014) Articulações entre gênero e raça/cor em situações de violência de gênero. *Psicologia & Sociedade*, v.26, n.2, p. 323-334.

Souza, Lidia de Jesus & Farias, Rita de Cássia Pereira (2022). Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia da COVID 19 *Serv. Soc. Soc.* May-Sep, <https://doi.org/10.1590/0101-6628.288>

World Health Organization (2002). *Version of the introduction to the world report on violence and health*. Author.

Recebido: 18/11/2023

Aprovado: 12/12/2023

Publicado: 01/01/2024

Autores

Atália Maria Schaeken Silva

Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretora de Extensão da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: ataliamssilva@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6578-3243>

Ewerton Helder Bentes de Castro

Pós-Doutor e Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>

Janderson Costa Meira

Pós-graduando em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial Instituto Vision/Am. Gestor de Recursos Humanos pela UNIP – Manaus. Graduando em Psicologia pela Escola Superior Batista do Amazonas - ESBAM. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Plantonista do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

escolas do sistema público de ensino em Manaus. Diretor acadêmico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM). E-mail: jandersonmeiraa@gmail.com Orcid:

<https://orcid.org/0000-0001-9145-6465>

Gabriela Monteiro da Silva

Pós-graduanda em Psicologia Clínica Fenomenológico-Existencial. Bacharela em Psicologia formada pela UniNorte - Ser Educacional. Diretora de Comunicação da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE). Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial da UFAM (Labfen). E-mail: gabrielamonteiro.psicologia@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6998-432X>

Nataly Barbosa de Souza

Psicóloga formada pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Vice-Diretora da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial. E-mail: nataly.barbosa.souza@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009/0004/9691/3556>

Gabriella Masulo Gomes

Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. Diretora de Pesquisa da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LABFEN. E-mail: masulogabriella@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0290-798X>